

JOÃO PAULO CUENCA

Corpo presente



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright do texto © 2013 by João Paulo Cuenca

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Retina_78

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Isabel Jorge Cury

Valquíria Della Pozza

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cuenca, João Paulo

Corpo presente/ João Paulo Cuenca. — 1ª ed. — São Paulo:
Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2332-2

1. Ficção brasileira I. Título.

13-08095

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Carmen

Carmen não se aguenta mais sobre as pernas. Com uma das mãos, equilibra o bebê contra seu peito e, com a outra, arruma as gavetas, cheias de fraldas. Desiste de organizar as fraldas, deixa os sacos no chão. Pega o mamilo e direciona para a boca do bebê. Às vezes escapa. E às vezes Carmen se cansa demais e tem pequenas ausências, como se sua existência cessasse por alguns segundos. Quando isso acontece, Carmen dorme de pé e acorda com taquicardia, assustada, procurando o bebê. Normalmente o bebê está no seu colo e Carmen pergunta qual será a força que faz o seu braço continuar apoiando o bebê mesmo estando ela inconsciente. Alberto está no plantão. Carmen fica só com o bebê.

Os mamilos de Carmen estão enormes, ela repara, e os peitos também. Mais roliços, duros como duas peras. Desde que o bebê nasceu, Alberto não a procura. As únicas chupadas que Carmen leva há meses são as do bebê, e Carmen riria disso se tivesse forças. O bebê tem um sono louco, instável, teve febre à noite. E Carmen vive uma vida sem dia ou noite. Sob o compasso do humor erráti-

co do bebê. Não vê mais as amigas, largou o emprego, não lê, parou de acompanhar a novela. Virou um animal primitivo cuja única função é dar os peitos ao bebê e limpar o seu rabo. Carmen não tem tempo pra se depilar ou lavar a cabeça. Lentamente se transforma num animal, como o bebê. Carmen está ficando suja como o bebê. Burra como o bebê. Estúpida como o bebê. Carmen tem chorado com o bebê. Isso tudo une os dois de uma forma que Alberto não vai entender.

O bebê está com muita fome e chupa o mamilo esquerdo de Carmen com força, chega a doer. Os olhos de Carmen se fecham, ela vai dormir em pé novamente. Mas Carmen está pensando e não dorme. Carmen está tão exausta que não tem mais pudores em pensar nisso ao lado do bebê. Carmen está ficando suja como o bebê. Lembra de Alberto, mas ele parece sem graça agora. Carmen pensa no colega. Uma vez levou Carmen pra tomar chope no Alemão, depois do banco. Era grande, e os braços, fortes. Alberto parece sem graça agora. Carmen pensa no homem entrando pela porta, Carmen iria servir um café. As chupadas do bebê seguem um ritmo constante. O bebê chupa com força. Carmen pensa no colega e quais seriam seu cheiro e seu gosto. Carmen se toca no ritmo da chupada do bebê. Carmen está ficando suja como o bebê. Enfia os dedos na vagina, encharcada. O bebê chupa e chupa, indiferente. O leite seca. Carmen se sente estuprada. Abraça o bebê com mais força e junta seu pescoço à cabeça do bebê. Aperta o bebê. O homem arranca as roupas de Carmen com seus braços fortes, cheios de pelos. Esfrega seu cacete na cara de Carmen, que se equilibra de joelhos, com o bebê no colo, para poder chupar. O bebê chupa Carmen. Carmen chupa o homem. Carmen está ficando suja como o bebê. Carmen enfia os dedos na vagina, mais fundo. Com o indicador manipula o clitóris. Bufa raivosamente e aperta

mais o bebê contra si. O bebê não para de chupar Carmen. Carmen se sente estuprada. Coloca os dedos da outra mão na boca e equilibra o bebê. Carmen está ficando primitiva como o bebê, mas não pensa mais nisso. O homem vai gozar. Carmen morde os dedos. O bebê ganha dentes e morde o mamilo de Carmen. Carmen está ficando suja como o bebê. Urra. Grita. Chora como o bebê.

Carmen então explode. Arranca o bebê do seu peito e o aperta contra si. Grita, entre soluços, “é seu, é seu, porra!”, se contorce entre espasmos de prazer, senta na cadeira, estica as pernas e continua metendo com força a cara do bebê pela sua calcinha encharcada. Mas demora, demora a gozar. Vem em ondas, num fluxo de prazer ritmado, como as chupadas do bebê. Até que os olhos de Carmen se fechem novamente.

O bebê vai chorar, assustado. Carmen vai colocar o bebê no colo e dormir.

2.

Muralha de janelas encaixotadas e portaria sempre aberta, sem perguntas. IDENTIFICAR-SE É UM ATO DIGNO, só um aviso inútil pregado na parede. O prédio é como um cigarro sem filtro, sem interfone. Crianças pretas e brancas, mais pretas do que brancas, sobem e descem durante todo o dia pelos elevadores que nunca chegam vazios. Vinte e dois apartamentos por andar, vinte e quatro horas aberto. Sempre faz calor. É a pouca ventilação nos corredores e a ventoinha que quebra. E muitas vezes é simplesmente paudrescência. Estrias de crescimento escapam pelos shortinhos apertados das meninas que, cabelos alisados e umbigo à mostra, misturam perfumes inusitados enquanto escolhem seu andar e fofocam nas áreas comuns do prédio na Prado Júnior. Os diálogos, recorrentes a qualquer hora do dia ou da noite: “E aí, tá indo trabalhar?”. Sorrio aberto e penso em levantar aquela camiseta e morder os mamilos claros

e pequenos da menina, que me olha como se eu pudesse fazer isso a qualquer momento. Chego ao térreo.

Saio e entro várias vezes por dia do cubículo sem cozinha, sem hall, sem corredor, sem copa, sem lavabo, sem nada que não seja um único cômodo, com pia, fogão de duas bocas, geladeira pequena, colchão jogado ao chão, guitarra sem cordas, aparelho de som, alguns livros, discos espalhados, sofá de dois lugares, armário e banheiro. A janela sempre fechada para um pátio interno de poucos metros quadrados. Com curiosidade obsessiva, acompanho a vida que brota de todas as outras janelas, próximas demais. Quando as luzes se apagam, não consigo deixar de manter o pensamento no que continua, a existência alheia que segue zumbindo como uma enorme mosca.

É só apoiar os ouvidos nas paredes e ouvir a merda caindo pelos canos que nos separam. Vivemos sitiados entre fluidos e pensamentos que se perdem pelo ar. Mistérios sob cada cortina. Perversões inimagináveis e a normalidade mais absoluta. O vazio mental de uma criança, a frustração calada da mãe, o olhar inapelável de um cachorro, o segredo no diário da menina, as cartas que ninguém leu, envelopes lacrados, a vida que corre, gim derramado no sofá; é domingo de madrugada em mais um conjugado de fundos, nove andares acima do chão, a luz chapada do vizinho insiste em entrar pela janela, vence minhas pálpebras.

3.

Copacabana amanhece isolada do resto do mundo por pedras e pelo mar. O Túnel Novo abre caminho pra onde a vida parece desenrolar sem culpa. O ressentimento dos duzentos mil moradores começa a escorrer pelos bueiros dos botecos em cada esquina, cinco por quarteirão. São poucos os que veem o dia surgir vermelho. Vagabundos, garis, entregadores de jornais, meia dúzia de travecos, putas cansadas, cachorros e alguns velhos andando na praia. Velhos de sono curto que surgem de todas as portas e escadas. O sono dos velhos é cada vez menor. Madrugam. Quando não têm mais o que acordar, morrem estampando avisos fúnebres no meu elevador. Toda semana um novo aviso — COMUNICAMOS O FALECIMENTO DO EX-MORADOR DO APTO. 503. A distância e o tempo que os velhos carregam fazem seus dias parecerem o mesmo. E os dias em Copacabana não param de nascer iguais. Cada vez mais iguais.

O sol se desprende do mar, esquenta o sono das putas,

gringos por trás de cortinas prateadas, mendigos e pivetes sob marquises, cobertores imundos. Ilumina janelões na avenida Atlântica. Brilha em cada fresta de ar-condicionado, desenha o teto de conjugados porcos, superpovoados, ilumina quadros caros, coberturas e a piscina do Copacabana Palace, espia basculantes, esquentas as lágrimas de crioulas gostosas, cicatrizando feridas, pingando sangue pelo chão, a oração de beatas que rezam ajoelhadas em frente ao espelho de cômodas gastas, o passeio de cachorrinhos estúpidos, o tédio dos porteiros sonolentos, essa gente sem esperança que dorme cada vez menos enquanto seus dias somem num ralo comum. O sono dos velhos é cada vez menor. Amanhece em Copacabana, as crianças vendendo pó na Djalma Ulrich. Sonhos caindo do céu. Amanhece por trás dos prédios, amanhece o que é feio no que é belo. Amanhece até que não exista diferença.

A luz acorda o velho Alberto, que desmaiou cheirando cocaína na bunda lisa de um michê de dezessete anos. O garoto estuda na escola pública do Lido, ao lado da minha casa. Quando deixo a portaria, esbarro com os dois.

Olha pra mim e ri, o filho da puta.

5.

Claridade de quase dia, desde atrás das folhas, lá em cima, pinta meus braços de prata. Mantendo o andar reto, olho para os lados, as ruas estreitas, vazias, os becos, vazios. Sob a luz escura de um dia que custa a nascer, as ruas passam a se confundir cada vez mais rápido. Meus olhos tentam agarrar as imagens — escapam sem volta. Os sinais piscam amarelo, amarelo, e no terceiro piscar eu já estou em outro quarteirão, mas a velocidade faz todo quarteirão ser igual ao anterior. A distância e o tempo fazem com que as coisas pareçam todas iguais. Os dias de hoje vão parecer todos iguais. Não vai fazer diferença.

Compro o jornal enquanto vejo os entregadores montando os cadernos, encaixando os classificados na edição de sábado, saindo de kombis lotadas de papel. Trabalhando por pouco, os olhares distantes. A distância e o tempo fazem com que pareçam todos iguais. Os dias de hoje vão parecer todos iguais, mortos. Desde o primeiro raio de luz que nos

ofusca, azulejos se seguindo na parede, máscaras flutuando por esse corredor de palavras, tudo nos faz esquecer da única certeza possível, uma capa de gordura nos protegendo de nós mesmos. Acredito mais na morte do que em mim mesmo. Se essa gente soubesse, eu não teria jornal pra ler.

O sol nasce por trás de Niterói enquanto tomo meu rumo, ainda embriagado pela bebida e por esses pensamentos estéreis. O solavanco fica pra trás. Retomo minha reta. Quando chegar em casa, vou perceber que me venderam o jornal de ontem. Não vai fazer diferença.

7.

Na calçada, um moleque me pede dinheiro. Vasculho o bolso e compro paz de espírito por trinta segundos e cinquenta centavos. O sol, batendo na pedra portuguesa, esquenta as pedras escuras. Gostaria de andar por onde não conheço. O destino dessas ruas é marcado, a nitidez de seus caminhos me confunde. Existe alguma droga que me faça desconhecer essa cidade e suas direções? Esquecer seu rumo e sua coleção de clichês, óbvios demais? Esquecer essa Copacabana axiomática, descortinada? Esse precipício que cai num mar sujo de almas limpas com álcool, cheiro de eucalipto, creme rinse e água sanitária, a Copacabana esquina do homem, estertor da civilização, hospedagem cinco-estrelas, *breakfast* completo, traslado incluso, madames passeando com gatos, travecos mijando de pé, quinze reais a entrada com direito a um drinque nacional, cento e cinquenta reais uma hora, um e setenta e cinco o minuto na cabine?

11.

Quando Carmen me manda chupar, encaixo o nariz na sua bunda lisa e branca, estico a língua dentro do seu corpo. O gosto é ácido, amargo, e eu penso que, a partir daquele momento, o meu principal objetivo na vida é fazer Carmen ficar doce. É a única coisa que merece meu esforço.

Fora disso, não tenho nenhum interesse e me afasto. Sem constrangimento, sugo o sangue das minhas amizades e, enfasiado, expulso seu conteúdo do meu corpo com o derradeiro esforço de quem larga um pedaço de merda insistente e áspero. Como um chupim, me alimento dos outros, um parasita romântico. Esses amigos se sucedem como meus empregos, um a cada três meses. Balconista, analista, contador, burocrata, e os assuntos se esgotam cedo demais. Depois não há mais interesse e cada reencontro é constrangedor e triste. Chego a pensar que podiam morrer todos pelo caminho, para que eu não precisasse mais vê-los. Nesse caso, ainda conservaria alguma lembrança agradável e

não o gosto de película gasta e reprise vespertina na boca. Mas eles insistem em continuar vivos, cuspidos lamúrias, andando por aí como fantasmas.

Gostaria de escrever algo como “as grandes cabeças da minha geração”, mas essa é toda uma linhagem de chatos queixosos. Encaro seus olhos e só vejo o reflexo do vazio em cada um de nós, entre óculos de aro grosso, orelhas amassadas, sob cabelos pintados de loiro, em diários na rede, programas de auditório e sessões sofisticadas de cinema, é tudo a mesma grande coisa, só a repetição de padrões regurgitados, como se nada mais houvesse ou fosse possível fora dessa nostalgia vazia.

Minha máquina de digerir só não consegue desintegrar Carmen. É a única que sobrevive sem pudor, andando nua por essa necrópole sem fim, pisando seus pés pequenos sobre os mortos, esmigalhando pedaços de carne e tropeçando em ossos. Esbarrando nos corpos sem vida, eu sigo descobrindo Carmen pelas ruas, em cada janela fechada, por trás de esquinas, entre cada espelho quebrado, cada noite perdida.